

**PROJETO DE ASSESSORIA A IMIGRANTES NA ZONA NORTE
DE PORTO ALEGRE¹**

**Ana Julia Guilherme
Andressa Neves
Denise Santos
Julia Campos
Luiza Dutra
Patrícia Grechi
Larissa Cykman
Marina Scomazzon**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Serviço de Assessoria Jurídica Universitária (Saju)
Grupo de Assessoria a Imigrantes e a Refugiados (Gaire)
gairesaju@gmail.com

¹Trabalho submetido ao Seminário “Migrações Internacionais, Refúgio e Políticas “, a ser realizado no dia 12 de abril de 2016 no Memorial da América Latina, São Paulo.

Projeto de assessoria a imigrantes na Zona Norte de Porto Alegre

1. Objetivo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um projeto de Assessoria a Imigrantes na Zona Norte da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, realizado pelo Grupo de Assessoria a Imigrantes e a Refugiados (GAIRE) do Serviço de Assessoria Jurídica Universitária (SAJU) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), buscando facilitar a inserção de um grupo de imigrantes haitianos à sociedade e à cultura local.

2. Discussão teórica e metodológica

O trabalho foi concretizado a partir da implementação de oficinas propostas pelo GAIRE e por outros colaboradores com imigrantes em um bairro da zona norte da capital gaúcha, o Bairro Sarandi. Os estudantes e profissionais responsáveis pelas oficinas são oriundos de diferentes áreas de conhecimento, como Antropologia, Direito, Letras, Psicologia, Relações Internacionais, Serviço Social e Sociologia. A partir disto, importa notar que a metodologia utilizada nas oficinas mesclou os conhecimentos de todos os profissionais pertencentes ao GAIRE, diferenciando-se de acordo com a atividade proposta, mas mantendo um padrão de estrutura em dois blocos.

O Projeto teve início em maio de 2014, quando profissionais do posto de saúde do Bairro buscaram tradutores que facilitassem a comunicação entre os servidores e os haitianos e haitianas que frequentavam o local. Desde então, foram pensadas e organizadas oficinas temáticas realizadas por voluntários engajados em uma maior integração destes imigrantes no Bairro Sarandi e na cidade. De maio a setembro, os encontros ocorreram na Escola Presidente Vargas e, a partir de setembro, alternaram-se entre o Centro Humanístico Vida e a Escola Municipal Presidente Vargas, locais próximos ao local de moradia dos migrantes moradores do Bairro, de fácil acesso e reconhecidos por serem referência ao acesso da comunidade.

Na escola, entre maio e setembro, o projeto esteve cadastrado como atividade social do programa Escola Aberta, ocorrendo aos domingos por demanda dos imigrantes, que, em sua maioria, trabalham nos outros dias da semana. Durante o ano, percebeu-se a importância do deslocamento das atividades para o Centro Vida, o qual se tornou um

centro de acolhimento a imigrantes recém-chegados à cidade vindos da fronteira com o Acre, que foram lá alojados de forma provisória pelo governo do Estado.

Durante o ano, as oficinas eram iniciadas às 15 horas da tarde e encerravam entre 18h e 19hs, sempre aos Domingos, e eram divididas em dois blocos de ações. No primeiro bloco, realizava-se uma atividade previamente elaborada com base em demandas dos próprios imigrantes, ou baseada em assuntos que o grupo de oficinairos julgava interessante ser desenvolvido. A proposta inicial sempre pretendia mostrar um pouco da cultura local e trabalhar temas que facilitassem a integração e a compreensão da cultura brasileira por parte dos migrantes. São exemplos de temas discutidos durante o ano: direitos e deveres trabalhistas, acesso a serviços básicos de assistência social oferecidos pelo Estado, formas e locais para procura de emprego, oficinas de criação/tradução de currículos, aulas de português e cultura brasileira, ‘cinedebates’ sobre a condição e os direitos do imigrante e refugiado, bem como conversas acerca de suas diferenças conceituais. Conforme se nota, diversos foram os métodos aplicados: exibição de filmes e discussão posterior, trabalho com mapas para abordar a trajetória de vida de cada um, montagem de currículos em Português, atividades com música do Rio Grande do Sul, palestras sobre os serviços básicos oferecidos pelo poder público, dentre outras. Buscou-se sempre o maior envolvimento e protagonismo dos próprios migrantes, para que eles mesmos pudessem construir conhecimento, ou seja, ter ciência e fazer valer seus direitos e integrarem-se à comunidade.

As oficinas eram caracterizadas por sua dinâmica: após o primeiro bloco realizavam-se pausas para lanche, como forma de promover maior integração, rodas de conversas mais amplas, para que os imigrantes se sentissem mais à vontade para relatar suas percepções acerca do processo de adaptação à cidade, ao país e à língua pelo qual estavam passando, as dificuldades mais constantes encontradas no país de destino e demandas a serem trabalhadas nas oficinas seguintes.

Na segunda etapa das oficinas, propunha-se normalmente um momento mais personalizado, onde buscava-se entender o momento de cada imigrante, suas dificuldades, seus planos para o futuro e se havia alguma demanda mais urgente que o GAIRE poderia auxiliar, realizando atendimento ou encaminhando para a rede parceira (como a falta de documentos, a necessidade de revalidação de diplomas, a falta de emprego, etc.). Ressalta-se que diversas reuniões com os integrantes das oficinas para planejamento e discussão das ações realizadas foram necessárias no decorrer do ano para que o grupo permanecesse coeso e integrado e, assim, capaz de trocar experiências positivas com os imigrantes.

3. Resultados

No ano de 2015 realizou-se um total de 25 oficinas, com um público de, em média, 20 imigrantes por encontro. Deste modo, como principais resultados vê-se que os integrantes do grupo conseguiram aproximar-se mais da realidade vivida pelos migrantes na cidade de Porto Alegre, o que contribuiu para a melhor percepção acerca de como o Grupo poderia atuar no auxílio a essa população, além de também servir como material para pressionar o poder público na implantação de novas e adequadas políticas para migrantes. Percebe-se também que os imigrantes puderam contar com o auxílio do Grupo para entender e se adaptar à realidade brasileira, aos percalços da trajetória de mobilidade e às frustrações encontradas pelo caminho, uma vez que o poder público não tem conseguido suprir esta demanda. Muitos imigrantes participantes da oficina foram encaminhados para atendimento com o GAIRE por terem necessidades mais específicas ou urgentes quanto à documentação, revalidação de diplomas ou questões trabalhistas, dentre outras. Ademais, foram realizadas outras importantes ações específicas e pontuais de acolhimento e apoio, tais como campanha de doações de cobertores e roupas de inverno, auxílio no cadastramento no CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) com tradutores de português/francês.

Também, considerou-se uma conquista a oficialização de uma parceria com a direção da Escola Municipal Presidente Vargas e com os professores e professoras da EJA (Educação de Jovens e Adultos), através da qual os imigrantes que ainda não possuíam formação básica completa foram estimulados a se matricular e frequentar as aulas da EJA. Da mesma forma, imigrantes que já possuíam diploma se matricularam nas aulas a fim de uma equivalência escolar mais rápida e efetiva, devido à demora e à grande burocracia para tradução e revalidação de diplomas. Antes que estes sujeitos começassem a frequentar as aulas, no mês de junho, ações de sensibilização foram realizadas junto às turmas da EJA para que o processo de adaptação dos imigrantes à escola e da escola aos imigrantes fosse menos penoso e mais proveitoso para ambos. O grupo de integrantes do projeto também frequentou diversas reuniões semanais com professores e diretores da Escola para acompanhar a adaptação e, dessa forma, auxiliar no que fosse necessário na inserção educacional dos imigrantes. Além disso, foi feito um acompanhamento no primeiro dia de aula, em que mais de 10 imigrantes fizeram-se presentes. Destes, quatro concluíram o ano escolar. Essa ação foi apresentada no Salão de Educação da UFRGS 2015 - com o foco no Eixo Educação - onde ganhou destaque em sua sessão.

O grupo também desenvolveu outras ações locais para imigrantes já estabelecidos no bairro há mais tempo. Por exemplo, acompanhou e prestou assistência a um grupo de mães haitianas em período de gestação e após terem seus bebês, com recolhimento de doações de fraldas e roupas, auxílio jurídico e social para conseguirem seus direitos de licença e férias, e também ingressou com uma ação contra a Prefeitura de Porto Alegre pela falta de vagas oferecidas nas creches do bairro, o que impossibilitava muitas das mães de trabalhar, ou as fazia buscar por soluções menos convencionais como deixar o filho com vizinhos poucos conhecidos.

Finalmente, entende-se que o projeto desenvolvido estimulou o empoderamento dos imigrantes nos diversos âmbitos tratados, incentivando a integração destes no bairro e na cidade, conscientizando sobre seus direitos e fornecendo as ferramentas para a garantia dos mesmos. Destarte, como um projeto de extensão universitária, o trabalho alcançou seu objetivo primordial: logrou a troca de saberes para transformações sociais articuladas e produzidas por diferentes grupos da sociedade. Entende-se que o conhecimento construído dentro dos muros da Universidade pôde, através da iniciativa do GAIRE, ser levado à comunidade, beneficiando ambos os lados - impactando a realidade dos imigrantes em Porto Alegre e, ao mesmo tempo, propiciando o contato direto com situações práticas que depois serão utilizadas como material de debate dentro da Universidade. As oficinas foram, indubitavelmente, um instrumento de transformação da realidade social.